

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.002](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT18.002)

## SAÚDE MENTAL: UM DESAFIO ÀS ESCOLAS PÚBLICAS

### Maria Ariadny Moreira Feitosa

Mestra em Educação pela UNISC. Possui graduação em Licenciatura em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba e graduação em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialista em Educação no Campo pelo IFRN; Especialista em Gestão Pública Municipal na modalidade a distância pela UFPB; Especialista em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas pela FIP; Especialista em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental pela UEPB; Especialista em Educação e Sustentabilidade Ambiental pela UFRN. [ariadnymoreiraf@gmail.com](mailto:ariadnymoreiraf@gmail.com)

### RESUMO

Tendo como contexto histórico, os tempos de pandemia da Covid-19 e como recorte espacial/virtual diferentes escolas públicas, o presente trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo de caso sobre a saúde mental da comunidade escolar, tendo como campo empírico 39 escolas estaduais compreendidas entre os 18 municípios do Agreste Potiguar - 3.<sup>ª</sup> Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC). Trata-se de um estudo descritivo e analítico, tendo como referencial teórico o pensamento de Paulo Freire. O que justifica a realização deste estudo foram as inquietações que surgiram em decorrência das vivências e práticas na Escola Estadual Professor Joaquim Torres no município de Serra de São Bento/RN.

**Palavras-Chave:** Pandemia; COVID-19; Escola Pública; Setembro Amarelo; Setembro Cidadão; Saúde Mental.

## INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus provocou mudanças em toda sociedade e a educação não ficou de fora. Com a imposição de decretos de isolamento social, as escolas tiveram que fechar as suas portas, mantendo assim os alunos distantes das salas de aulas. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia da Covid-19 impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países o que representa cerca de 91% do total de estudantes no planeta (UNESCO, 2021).

Instituições de ensino, professores e alunos tiveram que entrar rapidamente em um processo de adaptação e buscar meios viáveis para dar continuidade ao processo de aprendizagem. A alternativa foi “abraçar” o ensino a distância, a tecnologia teve um papel fundamental nesse processo de mudança através das aulas e atividades remotas no ambiente virtual. Por mais que o ensino a distância tenha inúmeros benefícios, principalmente no mundo atual, mudar repentinamente do ensino presencial para o ensino on-line não foi nada fácil, e muitos alunos se sentiram prejudicados.

Não queremos aqui, trazer discursões da Modalidade de Ensino a Distância - EAD, o que de fato aconteceu nas escolas públicas as quais fazem parte desta pesquisa, neste processo emergencial para o ensino remoto, está longe de ser considerado a mudança para uma outra modalidade, tendo em vista que não houve condições mínimas para este fato.

As transformações no que concerne a dimensão da presencialidade na experiência escolar não se limitam ao seu aspecto espacial. Elas também se fazem sentir em um âmbito que condensa o próprio sentido do processo educativo: o vínculo temporal que se tece entre as gerações.

Habitar o presente sempre significa situar-se entre um espaço de experiências do passado e um horizonte de expectativas em relação ao futuro (KOSELLECK, 2006), cabendo aos educadores tanto a responsabilidade pela durabilidade de um legado de realizações simbólicas como sua resignificação e renovação no presente.

Educar implica, pois, transmitir às novas gerações experiências simbólicas que nos chegam dos vastos domínios do passado e

que são apresentadas e ressignificadas, criando as bases para sua durabilidade e renovação no futuro.

Assim, procede um professor de filosofia que compartilha com seus alunos uma reflexão tecida há 2.500 anos; um professor de literatura que lê um poema de Drummond ou trabalha uma canção dos Racionais MC's, um alfabetizador que inicia crianças na prática milenar da escrita alfabética.

Por meio do ensino de uma disciplina, área do saber ou prática social específica, um professor atualiza e ressignifica não só seus conteúdos peculiares, mas, sobretudo, a natureza do vínculo afetivo e histórico que estabelece com essas áreas de saber, conhecimento e compreensão que caracterizam um certo legado histórico que a cultura escolar escolheu preservar da ruína do tempo por meio do ensino.

Há algum tempo a saúde mental de estudantes e servidores da educação vem ganhando espaço de observação na Escola Estadual Professor Joaquim Torres em Serra de São Bento/RN. Eventos como o "Setembro Amarelo" e "Setembro Cidadão" ajudaram a gestão em seus diferentes âmbitos estarem mais atentos a esta causa e buscar debater com a comunidade escolar esse tema.

Com isso, ficou mais visível o quanto há profissionais e estudantes que precisam de cuidados e amparo. Em diálogo com outras escolas da rede, percebeu -se que esta é uma realidade comum a todas.

Assim, surge este trabalho, numa intenção de levantar dados e apresentar possibilidades de intervenção para colaborar com a saúde mental de estudantes e profissionais e com isso contribuir para uma educação pública de qualidade.

O Setembro Cidadão, criado pela Lei Complementar n. 9 494/2013, integra o calendário oficial e eventos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e visa mobilizar e chamar a atenção da sociedade para a importância da cidadania enquanto ferramenta de equilíbrio das relações democráticas.

Por meio desta lei aprovada na Assembleia Legislativa, o dia 10 de setembro é destinado às comemorações do Dia Estadual da Educação Cidadã. Essa data marca as festividades que percorrem todo o mês.

Este mesmo dia é o dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, mas a campanha acontece durante todo o ano. Por meio desta lei, setembro é um dos meses mais importantes dentro do calendário da Educação do RN. Desde 2013, segundo afirma a Secretaria de Estado da Educação.

Desde 2014, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), organiza nacionalmente o Setembro Amarelo. Com isso, percebemos as vivências do setembro cidadão também voltados para as questões do setembro amarelo.

De tal modo, o presente trabalho tem a finalidade de apresentar o estudo de caso realizado nas 39 escolas estaduais em 18 municípios do Agreste Potiguar pertencentes a 3.ª DIREC.

Trata-se de uma proposta empírica, tendo como cenário, o cotidiano escolar e do ponto de vista teórico, a perspectiva de Paulo Freire. Para tanto, este estudo se apresenta a partir de inquietações que surgiram nas vivências da comunidade escolar da Escola Estadual Professor Joaquim Torres.

Segundo o Site Setembro Amarelo, São registrados mais de 13 mil suicídios todos os anos no Brasil e mais de 01 milhão no mundo. Trata-se de uma triste realidade, que registra cada vez mais casos, principalmente entre os jovens. Cerca de 96,8% dos casos de suicídio estavam relacionados a transtornos mentais. Em primeiro lugar está a depressão, seguida do transtorno bipolar e abuso de substâncias.

Sendo que o dia 10 de setembro faz parte do Calendário Oficial de Eventos do RN, este serve de celebração e reflexão para uma educação mais participativa e voltada para a inclusão e progresso social. O dia 10 de setembro ficou como a data central, a Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC) promove ações de educação cidadã, como congressos, seminários, simpósios e eventos abordando à cidadania, com temas sobre direitos e garantias fundamentais, direitos sociais, direitos políticos e preservação ao meio ambiente durante todo o mês.

Com isso, as escolas trabalham também questões do setembro amarelo. De fato, com os trabalhos desenvolvidos a partir desta alusão, ficou mais visível as necessidades das diferentes comunidades escolares as quais apresentam-se doentes psicologicamente,

seja em grau alto de stress, ansiedade, depressão ou algum transtorno específico.

No âmbito educacional, de forma rápida e em condições mínimas acontece a passagem do ensino na escola para o então não presencial. E como se dará isso? Pois é, uma pergunta que muitas escolas do Estado Potiguar iam respondendo a cada decreto lançado. Mas a resposta muitas vezes não correspondia a realidade dos educadores e educandos.

A realidade que mostramos aqui, é a da escola pública Potiguar, assim como em diferentes Estados da nossa Federação, apresenta-se limitações estruturais e tecnológicas. Se falando da nossa 3ª DIREC é raro encontrar escolas com laboratório de informática, com computadores disponíveis para os estudantes e professores.

Há décadas passadas houve doações de notebook para todos os professores da rede estadual de Ensino, mas na atualidade isso não se renovou, dificultando e muito os trabalhos remotos dos docentes.

O decreto nº 29.524, de 17 de março de 2020, o primeiro decreto da Governadora do RN para o enfrentamento temporário da pandemia, já impunha o fechamento das escolas. Nesse período, algumas já tinham aderido à greve pela luta do reajuste do piso e outras conquistas, a instituição Joaquim Torres estava dialogando para o retorno dos professores a escola, mas com o decreto, não puderam mais escolher, agora era hora de adaptação ao novo, e o novo como cita Freire (2011) causa estranheza.

Mesmo considerando que Paulo Freire defendia o ensino presencial, a sua teoria se enquadra em nosso relato, devido, sobretudo a sua ideia de que se aprende em comunhão. A Educação, por si só, é um ato de compartilhamento.

Tendo legitimação os diversos decretos estaduais, à medida que os fatos aconteciam, e iam surgindo em nosso Estado, a Escola Estadual Professor Joaquim Torres, conseguiu reunir mesmo que de forma virtual a comunidade escolar em diferentes momentos.

Sem o apoio do Estado, professores tiveram que montar sua própria sala de aula em casa, adquirir celulares melhores, computadores e mais equipamentos tecnológicos para melhor atender os estudantes, custeando do próprio bolso, adquirindo novas despesas fora do orçamento para a educação pública não parar.

Sabemos que essa foi a realidade de muitos colegas, os quais ainda tinham que lutar contra autoridades e uma parte desenformada da população que os chamavam de vagabundos que não queriam trabalhar.

Não bastasse lutar pelo direito de ficar em casa, muitos professores adoeceram pelo coronavírus, outros pelas sequelas mentais deixada pela pandemia, alguns não resistiram. Na Escola Estadual Professor Joaquim Torres, a equipe sobreviveu ao vírus, mais muitos perderam parentes e amigos.

No âmbito educacional os professores não apenas investiram em equipamento, foram aprendendo o uso das tecnologias de forma autodidata sem apoio das autoridades responsáveis pela educação no Estado.

Sabemos que os profissionais da 3ª DIREC também estavam buscando alternativas para contribuir com os professores e estudantes, mas lamentavelmente este apoio chegou quando os professores já tinham conseguido superar as limitações, e mesmo assim não houve nenhum custeio aos investimentos dos professores, nenhuma doação de computadores, nenhuma bonificação, a categoria em sua maioria nem consegue o que tem de direito, o atendimento dos requerimentos para as promoções, licença para estudo, licenças prêmios, em um pequeno recorte da realidade, atualmente um professor conseguiu sua licença para o doutorado, enquanto outro que já tinha solicitado antes, não conseguiu. Apoio, incentivo? Não há para os professores neste momento.

Mas é nesta realidade que percebemos o quanto puderam fazer a gestão escolar junto à equipe de professores para que a educação pública não parasse.

As aulas continuavam, mesmo cada um em suas casas, inicialmente para o conteúdo chegar aos estudantes, foi usado o WhatsApp, criaram-se grupos por turma e componente curricular, com isso foi surgindo as limitações, algumas delas como, os aparelhos dos estudantes eram de uso comum a família, nem todos tinham acesso à Internet. O que fazer para os conteúdos chegar aos estudantes? Equipe pedagógica e gestão entram em diálogo e junto aos professores decidem fazer atividades para que os estudantes sem acesso pudessem buscar na escola.

Identificar esses estudantes, chegar a eles, não havia outra possibilidade mais eficaz na ocasião que ir a casa de cada um, pois é, a gestão e alguns professores assim fizeram.

Quando todos estavam esperançosos para o próximo ano letivo, 2021, encontrar pessoalmente com os estudantes e poder realizar atividades avaliativas para concluir as notas necessárias para soma da aprendizagem dos conteúdos, outros decretos surgem, impedindo o retorno as escolas por medida de segurança, pois o Coronavírus veio em uma nova onda e mais forte.

Contudo, professores e pedagogos mais habilidosos com as ferramentas tecnológicas usam o Meet e outras possibilidades do Google para execução de aulas. Live são feitas, o canal da escola é criado no You Tube.

Descobre-se novas habilidades dos estudantes, professores e gestão. A SEEC, vem se adequando a atual realidade e possibilitando formação, qualificação da equipe pedagógica e professores, mas de fato, incentivo aos profissionais não há.

No caminho da necessidade que o profissional do ensino tem na atualidade, entra em vigor a partir das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura das instituições de ensino superior de todo o Brasil.

Uma resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), publicada no final de dezembro do ano passado, apresentou instruções e normas para a atualização dos cursos e ainda instituiu a Base Nacional Comum para a Formação dos Professores da Educação Básica (BNC - Formação).

Além desse fator, a revisitação dos currículos também vem sendo motivada pela necessidade de desenvolver competências digitais nas futuras e futuros docentes. Estas competências já eram consideradas fundamentais para o exercício da profissão docente no século 21 e se tornaram ainda mais importantes no cenário pós-pandemia.

Mas na prática, como sempre, os professores e professoras em sua maioria, vem aprendendo o uso das novas tecnologias em seu dia a dia.

## METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, foi utilizado um questionário nas 39 (tinta e nove) escolas pertencentes a 3ª DIREC, 21 (vinte e uma), localizadas em diferentes municípios da região Agreste, responderam ao questionário. O questionário ficou disponível pelo google formulário no grupo oficial de WhatsApp dos gestores escolares da 3ª DIREC, do dia oito ao dia 19 de dezembro de 2021.

Tendo como contexto histórico, esses tempos de pandemia da Covid-19 e como recorte espacial/virtual diferentes escolas, o presente trabalho abordou o estudo de caso em relação a saúde mental na escola, com objetivo de inserir as 39 escolas estaduais dos 18 municípios do Agreste Potiguar pertencentes a 3ª DIREC.

Trata-se de um estudo empírico, tendo como cenário o cotidiano escolar e do ponto de vista teórico, a perspectiva de Paulo Freire. Para tanto, este estudo se apresenta a partir de inquietações que surgiram nas vivências da comunidade escolar da Escola Estadual Professor Joaquim Torres no município de Serra de São Bento/RN.

Assim, surge este trabalho, numa intenção de levantar dados e apresentar possibilidades de intervenção para colaborar com a saúde mental de estudantes e profissionais e assim contribuir para uma educação pública de qualidade focado no humano.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das trinta e nove escolas pertencentes a 3ª DIREC, vinte e uma, localizadas em diferentes municípios da região Agreste responderam ao questionário. O questionário ficou disponível pelo google formulário no grupo oficial de WhatsApp dos gestores escolares da 3ª DIREC, do dia 8 a 19 de dezembro de 2021. Abaixo a identificação das escolas e seus municípios de lotação, assim como foi informado.



**Figura 1** Escolas que responderam o questionário disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021, por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp dos gestores escolares da 3ª DIREC

ESCOLA	MUNICÍPIO
E E José Lúcio Ribeiro	Brejinho
Escola Estadual Fabrício Maranhão	Pedro Velho
Escola Estadual Deputado Marcio Marinho	Serra de São Bento
EE PROF JOÃO MARIA DIAS	Nova Cruz
Escola Estadual Antônia Guedes Martins	Lagoa D'Anta
Escola Estadual Professora Ocila Bezerril	Montanhas
ESCOLA ESTADUAL PADRE TOMAZ DE AQUINO	São José do Campestre
Escola Estadual Joaquim da Luz	Espírito Santo
Escola Estadual Alexandre Celso Garcia	Santo Antônio
Escola Estadual Domitila Noronha	Serrinha
Escola Estadual Belmira Lara	São José do Campestre
ESCOLA ESTADUAL DEP. DJALMA ARANHA MARINHO	Passa e Fica
ESCOLA ESTADUAL DR PEDRO VELHO	Pedro Velho
Escola Estadual em Tempo Integral Rosa Pignataro	Nova Cruz
Escola Estadual Diógenes da Cunha Lima	São José do Campestre
Escola Estadual Professora Firma Francelina de Oliveira	Nova Cruz
Escola Estadual Antônio Pinheiro Bezerril	Lagoa D'Anta
Escola Estadual Felismino José da Costa	Monte das Gameleiras
EE Alberto Maranhão	Nova Cruz
Escola Estadual Dom Joaquim de Almeida	Várzea
Escola Estadual Professor Joaquim Torres	Serra de São Bento

**Fonte:** O autor

**Figura 2** Perguntas aos gestores escolares disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021  
Por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp da 3ª DIREC

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**NOME DA ESCOLA:**

**MUNICIPIO:**

**DIRETOR/A:**

**CONTATO:**

1. você tem conhecimento se em sua escola algum aluno, professor ou outro servidor desenvolveu nos últimos 06 meses algum tipo de transtorno emocional como a ansiedade, depressão, pânico ou outro?

A - ( ) sim, tenho conhecimento.

B - ( ) não tenho conhecimento.

2. Em caso afirmativo, sabe informar se foi diagnosticado por um profissional de saúde mental?

A - ( ) sim, sei informar. Foi diagnosticado por um profissional devidamente qualificado.

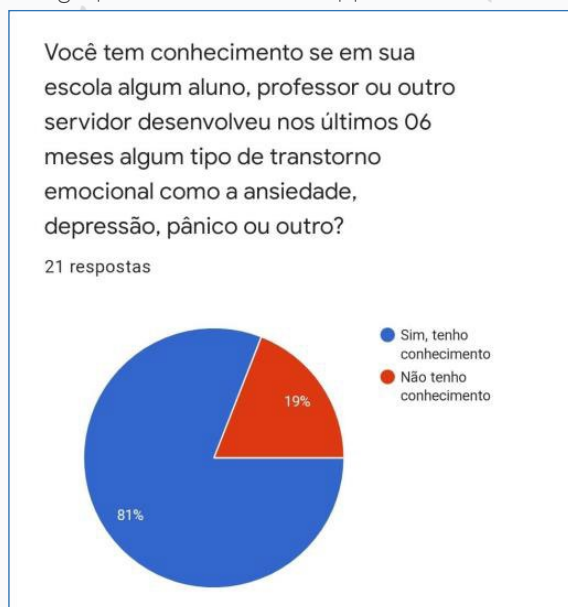
B - ( ) não. Não sei informar se foi diagnosticado por um profissional devidamente qualificado.

3. Quantifique o número de pessoas (envolvendo aluno, professor e demais servidores) que você sabe comprovadamente que foi acometido por um dos transtornos acima citado.

4 Espaço aberto para comentário.

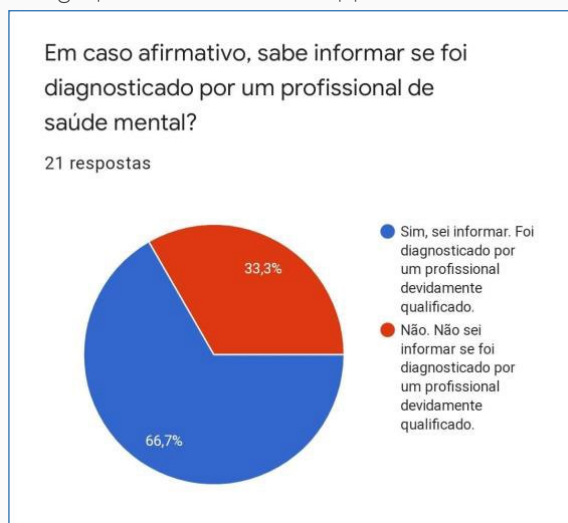
Fonte: O autor

**Figura 3** Gráfico com as respostas ao questionário apresentado aos gestores escolares disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021 por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp da 3ª DIREC



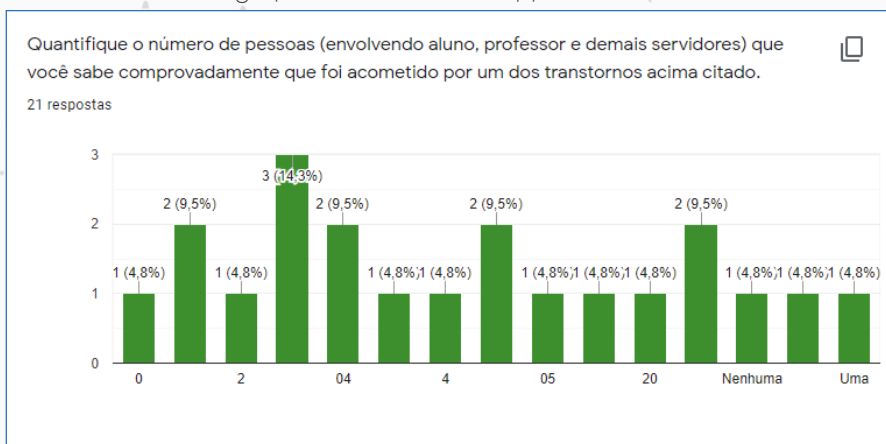
Fonte: O autor

**Figura 4** Gráfico com as respostas ao questionário apresentado aos gestores escolares disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021 por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp da 3ª DIREC



Fonte: O autor

**FIGURA 5** Gráfico com as respostas ao questionário apresentado aos gestores escolares disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021 por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp da 3ª DIREC



Fonte: O autor

**Figura 6** Respostas ao questionário apresentado aos gestores escolares disponível em 08/12/2021 a 19/12/2021 por meio do Google formulário no grupo oficial de WhatsApp da 3ª DIREC

#### Espaço aberto para comentário - 8 respostas

1. NÃO contamos em nossa escola com equipe multidisciplinar de saúde, tampouco conseguimos assistência do PSE da UBS-Unidade Básica de Saúde de nosso bairro, apesar da solicitação do serviço.
2. Alguns desses oito tomam antidepressivos no momento.
3. Há mais estudantes, porém não sei se foram diagnosticado por profissional
4. Tivemos dois professores diagnosticados com início de depressão. Um deles precisou sair de sala de aula por determinação médica. E uma aluna que também desenvolveu um grau de ansiedade.
5. O contexto pandemico ocasionou tudo isso
6. Não houve casas de transtorno na escola
7. Se for para colocar os que ainda não procuraram ajuda especializada, este número cresce bastante.
8. Nada a acrescentar.

#### 3 respostas

1. Ação importante de sondagem, e urgentemente precisamos de psicólogos na nossa instituição.
2. Temos um número muito elevado de alunos com ansiedade.
3. Ok

Fonte: O autor

A pandemia da COVID-19 afetou seriamente a educação, deixando milhares de estudantes longe das escolas. O ensino remoto e a busca por soluções rápidas para garantir o acesso às aulas tornaram-se grandes e importantes pautas sociais.

Quando pensamos na pandemia da COVID-19, é instantâneo considerar os reflexos negativos que ela causou, inclusive, na educação. Esses impactos são preocupantes não somente em relação à aprendizagem, mas, também, quanto ao número de crianças e jovens que abandonaram os estudos, dentre tantos outros problemas, focamos neste trabalho na saúde mental.

Percebemos com esta pesquisa e a vivência escolar, que de fato o cenário que está posto em relação a saúde mental é preocupante e o Estado precisa fazer uma intervenção. Ter um olhar mais sensível em relação a este assunto.

Em alta no mundo, casos ainda são tabu no ambiente escolar e o tema não faz parte da formação da maioria dos professores.

A Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup> (OMS) alerta: 1 em cada 5 adolescentes enfrentará problemas de saúde mental, cujos casos cresceram exponencialmente nos últimos 25 anos. A maior parte, porém, não é diagnosticada ou tratada.

Na escola, problemas de saúde mental podem piorar o desempenho e ampliar a evasão escolar. Embora a capacitação de professores seja uma medida importante, a saúde mental ainda está fora da formação.

É urgente o cumprimento da lei 13.935/2019 a qual estabelece a s redes públicas de educação básica contar com serviços de psicologia e de serviço social. Mas é muito importante um trabalho com toda equipe da escola. Os professores, principalmente, precisam aprender a reconhecer quando o comportamento do aluno é patológico ou não. Existem situações que a coordenação pedagógica pode contornar, muitas vezes escutar o próprio aluno resolve muita coisa e isto o diretor, o coordenador, o professor pode fazer.

Percebemos com preocupação a expectativa que se cria com a presença dos profissionais, psicólogo e assistente social como possibilidade de resolver situações delicadas que sempre existiram

---

1 Fontes: Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes; Fletlich Bilyk & Goodman; 2004;Anselmi et al.,2010;The WHO World Mental Health Surveys: Global Perspective

dentro da escola. Estes profissionais, sem dúvida terão um lugar de importância, mas precisamos entender duas coisas: primeiro se deve trabalhar com a equipe escolar para aprender a reconhecer e lidar com os novos desafios. Segundo, não nos esqueçamos que os nossos alunos adoecidos estão afetados por uma sociedade adoecida, então, antes de tudo, é um problema social.

Entendemos ser importante à SEEC disponibilizar psicólogos em suas regionais para atender essa demanda crescente do adoecimento mental em nossas escolas. Uma sugestão imediata, seria convidar os colegas professores e pedagogos que também são psicólogos para ver uma possibilidade de atuação nas escolas que pedem socorro.

É sabido que na 3ª DIREC há profissionais pedagogos e também psicólogos, assistentes sociais, psicopedagogos e tantas outras formações que exercem paralelas as funções na SEEC. Alguns desses profissionais tem sinalizado o desejo de contribuir e fazer um trabalho de intervenção pedagógica em nossas escolas, caso tenham o apoio necessário.

Há escolas com número significativo de jovens que fazem uso de medicações para ansiedade e depressão. Se tornou comum recebermos atestados emitidos por psiquiatra a nossos estudantes.

Alguns estudantes não apresentam laudos, nem tem acesso a tratamento por afirmarem que os pais não compreendem e dizem não ser algo sério, invenção destes. Temos estudantes que sofrem da síndrome do pânico, estudantes que usa da automutilação na frente dos próprios colegas. Não tem como esses fatos deixarem de interferir na aprendizagem destes, e no ensino em nossa escola.

Com a demanda que cada professor tem, este, não tem como identificar essas questões neste universo amplo que é a sala de aula. É preciso manter os docentes informados e que estejam sensíveis a estes estudantes, mas não há ainda uma intervenção prática, algo concreto a ser feito. Penso que estes fatos já são argumentos suficientes para uma intervenção pedagógica de forma multidisciplinar nas escolas que pedem socorro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar a cara da escola pública implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães. Diretoras, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladoras, merendeiras (...). É claro que não é fácil! Há obstáculos de toda ordem retardando a ação transformadora. “O amontoado de papéis tomando o nosso tempo, os mecanismos administrativos emperrando a marcha dos projetos, os prazos para isto, para aquilo, um deus nos-acuda” (...). (FREIRE, 1991, p. 35-75)

Mas a pandemia implicou uma mudança rápida sem tempo de ouvir partes, e mais uma vez os professores e professoras que arcaram com respostas imediatas ao ensino e aprendizado dos estudantes.

O ensino remoto, mesmo nos locais em que tenha sido bem planejado e executado, tem menores chances de gerar engajamento dos estudantes e promover o desenvolvimento, especialmente em famílias com condições reduzidas de acesso à infraestrutura necessária para isso, ou mesmo a um contexto domiciliar e comunitário menos favorável à aprendizagem.

Em tempos de pandemia, mais do que nunca, a educação é convocada a se singularizar, a se reinventar buscando outras possibilidades pelo uso das tecnologias digitais e pela habitação nos ambientes virtuais de aprendizagem.

A situação iniciada a partir do contágio mundial em massa pelo COVID-19, ainda que se trate de uma questão de saúde pública, afetou o cenário mundial em seus mais diversos campos, trazendo consequências econômicas, políticas, sociais e, logo, também, ao campo educacional.

A Comunidade Escolar Joaquim Torres sobreviveu a pandemia, adquiriu novos conhecimentos, o corpo docente atualmente domina as ferramentas tecnológicas e usufrui junto aos educandos. Não há, mas como pensar o ensino sem o uso das tecnologias, sem uma adequação a informação.

Com a maioria dos professores oriundos de outras cidades e Estados, com ferramentas como o Google Meet ficou mais viável reunir a maioria para os encontros pedagógicos.

Ademais, terminamos com uma frase muito utilizada por Paulo Freire, que se apropriava das palavras de Françoise Jacob: somos seres programados, mas para aprender. A nosso ver, parece estar distante de nós essa frase, mas de fato, podemos pensar que esse “programar para aprender” seja muito atual, sobretudo em tempos de pandemia da Covid 19.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Instantâneo da escola contemporânea**. Campinas: Papyrus, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto Nº 29.524, de 17 de março de 2020.

ZANATO, C. B; GIMENEZ, R. **Educação inclusiva**: um olhar sobre as adaptações curriculares. São Paulo. SP. 2017.